

# UMA APROXIMAÇÃO AO TIMOR PRÉ-COLONIAL: NOTAS HISTÓRICAS PARA ENTENDER O PRESENTE

Alberto Fidalgo Castro

## Introdução

A relação entre duas disciplinas como história e antropologia têm sido demonstrada, pelo menos para os antropólogos, como uma que nos permite reconstruir uma imagem do passado para estabelecer continuidades e mudanças no estudo de processos socioculturais de forma comparativa. A necessidade de abordar esses fenômenos diacronicamente nos faz Olhar, em outras disciplinas, elementos que podem servir para dar sentido ao enigma do presente.

Para o caso de Timor-Leste, as literaturas coloniais portuguesa e holandesa são as fontes mais importantes para o estudo. Muito ricas em conteúdo, as aproximações aos dados apresentados devem ser feitas com o devido cuidado interpretativo, estar ciente dos lugares de fala heterogêneos que os informam. Os estudos de Ricardo Roque sobre o conhecimento produzido durante a colonização portuguesa de Timor são um bom exemplo de como abordar estas questões (ROQUE, 2011, ROQUE, WAGNER, 2012) .

É mais complicado voltar a momentos anteriores aos da colonização. Contudo, disciplinas como arqueologia, linguística e estudos sobre as navegações de outros povos oferecem-nos uma janela para o Timor pré-colonial que nos permite reconstruir parcialmente o que Timor pode ter sido antes da chegada dos portugueses e dos holandeses.

## Abordagens Arqueológicas ao Timor pré-colonial

Existem algumas investigações arqueológicas realizadas em Timor-Leste que revelam aspectos, principalmente materiais, sobre como a vida na ilha deveria ter sido no passado. Uma das fontes que temos para tentar esboçar o Timor pré-colonial são os trabalhos arqueológicos que foram realizados desde os anos cinquenta até ao presente, deixando de lado os vinte e quatro anos de ocupação indonésia.

No que diz respeito às missões portuguesas, não se tratava tanto de arqueologia moderna como de uma antropologia física continental ligada direta e ideologicamente ao Estado Novo de Salazar (SCHOUTEN, 2001, p.165). Essas investigações, conhecidas sob o nome de Missão Antropológica de Timor (1953-1954), foram dirigidas por Antonio de Almeida. Participaram dessas missões, entre outros, António Augusto Mendes Corrêa, que serviu como presidente do Conselho de Investigações Coloniais ; e Rui Cinatti (1963). No entanto, os trabalhos sobre arqueologia publicados por Cinatti (1963), António de Almeida (1960, 1961) e Mendes Corrêa (MENDES CORRÊA; ALMEIDA; FRANÇA, 1964) já revelam a existência de pinturas rupestres e restos que apontam para a existência da vida cerimonial (LUCAS et al., 1992).

De qualquer forma, o maior volume de literatura arqueológica foi produzido por arqueólogos institucionalmente ligados à Australian National University (ANU) (GLOVER, 1971). As pinturas rupestres, por exemplo, confirmam a existência de brigas de galo e nos permitem aproximar a datação da presença histórica desses animais na ilha. Da mesma forma, o aparecimento de barcos nestas pinturas coincide com alguns mitos que narram a chegada da população em Timor, parte deles recolhidos entre os fataluku do extremo leste, e nos permite começar a desenvolver pesquisas sobre a migração humana para a ilha. Da mesma forma, a existência de navios em pinturas rupestres ressoa nos rituais mortuários que atualmente são celebrados, e segundo os quais os espíritos dos mortos são transformados em ancestrais (O'CONNOR et al., 2018, TRAUBE, 1986).

Sabemos também graças a pesquisa arqueológica que os primeiros sinais de população na ilha de Timor datam de 42.000 BP (O'CONNOR, 2007) . Esta data é também a data em que foi encontrado o mais antigo anzol de pesca do mundo, encontrado em Timor por O'Connor e a sua equipe, mostrando que a pesca no alto mar já era praticada nessa época (O'CONNOR; ONO CLARKSON, 2011).

Estudos arqueológicos também confirmam a existência de múltiplas estratégias de coleta para o aprovisionamento (HAWKINS et al., 2017). Em um artigo recente, Olivera , O'Connor e Bellwood (2019) relatam a descoberta de tambores Dong Son, datado de 2500 BP, e que coloca Timor em uma ampla rede de trocas que se estende desde Vietnam para grande parte do Sudeste Asiático insular. Os autores mencionam que esses tambores, juntamente com as pinturas rupestres, devem estar bastante conectados à vida ritual.

### **Investigação linguística e a sua contribuição para a compreensão da atual configuração de Timor**

Durand propõe que as primeiras populações de Timor são linguisticamente associadas às línguas não-austronésicas correntes (DURAND, 2010, p.22 ): búnak, fataluku , makassae , makalero e maku'a . Não está claro quais são as famílias dessas línguas, embora Schapper sugira que são da família linguística da Nova Guiné, embora essa relação continue a ser especulativa (Schapper, 2011: 163). Estas línguas são conhecidas como "Filo de Trans Nova Guiné" (Trans New Guinea Phylum) e línguas de Timor-Alor-Pantar.

Schapper e Bellwood afirmam que a segunda grande onda de habitantes que chega a Timor ocorre, supostamente, entre os anos 3000 (SCHAPPER, 2011, p.163) e 2000 a.C. (BELLWOOD, 2007, p.123) pelo que veio a ser chamado de "austronésios". Os denominados como tais incluem, em Timor-Leste, os grupos linguísticos kemak , tokodede, mambai, idaté , tetun, naueti , caiurui , galole , dawan ou baiqueno , bem como outros grupos minoritários.

### **Navegações chinesas**

Outra fonte à nossa disposição para compor a situação sobre como Timor poderia ser antes da chegada dos portugueses são os registros de

marinheiros e geógrafos chineses feitos, especialmente, durante as navegações oficiais promovidas pela dinastia de origen mongol Yuan (1279-1368) e durante o início da dinastia Ming (1368-1644).

Roderich Ptak recolheu em vários artigos (PTAK, 1983, 1987) algumas menções a Timor em tais fontes dos anos 1250 a 1820. A razão que levou os chineses a Timor foi, como posteriormente aconteceria também no caso dos portugueses, a obtenção de sândalo (PTAK, 1987). Assim, muito antes da chegada dos portugueses, os chineses já haviam identificado e estabelecido uma rota comercial com Timor para se abastecer com essa preciosa espécie de árvore (BOXER, 1960; DURAND, 2010, p.180). No entanto, ao contrário de outras rotas comerciais na região, tais como as estabelecidas com as Ilhas Molucas e Banda, a rota de Timor não foi declarada monopólio governamental pelas autoridades chinesas e foi quase exclusivamente frequentada por comerciantes privados (ROQUE DE OLIVEIRA, 2003).

As fontes chinesas que Ptak usa em seu artigo mencionam a ilha de Timor com nomes diferentes: Ti-wo, Ti-men, Ku-li Ti-men, Ti-Man ou Chi-li Timen, entre outros, e têm como tema principal o comércio de sândalo com os nativos. Assim, somos apresentados a uma ilha com alguns locais identificados para realizar a troca de sândalo por bens como cerâmica, seda, ferro ou prata. A ilha é descrita como um lugar montanhoso com um clima irregular, com solos férteis que produzem colheitas generosas e florestas densas nas quais cresce muito sândalo. (PTAK, 1983).

Embora a maioria das informações que esses registros nos oferecem sejam breves e cheios de juízos de valor, elas nos permitem conhecer algumas questões básicas sobre como as sociedades da ilha poderiam estar antes da chegada dos europeus. Nesse sentido, esses registros delineiam um sistema político rigidamente estruturado e dirigido por reis e/ou chefes locais - dependendo da fonte - a quem os nativos tratam com submissão. (PTAK, 1983, p.40), e cujos privilégios como autoridades são consideráveis (PTAK, 1983, p.37). Além disso, há alguma referência ao sistema de resolução de conflitos (PTAK, 1983, p.40), bem como a celebração de alguma cerimônia (PTAK, 1983, p.40). Nestes dois últimos casos, conclui-se que o chefe local e o rei são os que desempenham as funções de árbitro e oficiante respectivamente.

Finalmente, também nos é dito sobre a divisão sexual do trabalho e uma possível mudança nestes padrões. Assim, em uma das referências é dito que são as mulheres que negociam com estrangeiros, enquanto em outro é o próprio rei e toda a sua corte que o fazem. É o autor deste último, Chang Hsieh, que, conhecendo a primeira fonte chinesa que fala desta divisão sexual do trabalho, reflete sobre a possível mudança.

Algumas das referências chinesas se sobrepõem temporariamente à chegada e ao assentamento de europeus na ilha. É o caso do já mencionado Chang Hsieh, de 1617/1618, em que os portugueses não são mencionados, apesar de terem iniciado estas actividades em Timor já no século anterior.

Embora não necessariamente, uma vez que poderia ser uma deficiência do texto, isso poderia indicar uma presença escassa dos portugueses durante os primeiros anos de colonização e até o século XIX. De qualquer forma, implica o desconhecimento por parte dos chineses da presença portuguesa na ilha, o que é significativo em si mesmo. Na última das referências que Ptak recolhe (1820), já estamos a falar da ilha de Timor dividida em três partes: uma delas chamada Ku-Pang, controlada pelos holandeses; outra chamada Ti-Wen, controlada pelo portugueses; e um terceira formada por seis reinos das montanhas cujos nomes ele não indica (e que poderiam ser reinos locais).

### **Reinos hindus da Indonésia**

Embora Ptak não o mencione, outros autores referem-se a outra fonte chinesa anterior à que ele relaciona, de 1225, e na qual Timor é consignado como um protetorado do reino javanês de Kediri. Entre eles, o historiador Steve Farram faz alusão a essa fonte, embora considere altamente improvável essa hipótese do protectorado (FARRAM, 2004, pp. 34-36).

Timor também é registrado no poema épico Nagarakertagama, escrito no antigo javanês em 1365, que exalta o estado de Mahapajit. O próprio Farram comenta que, embora Timor seja mencionado na introdução deste poema épico, é pouco verossímil dizer que a verdadeira área de influência política de Mahapajit chegou à ilha de Timor. Ptak menciona, no entanto, que duas das fontes chinesas que ele analisa (de 1564 e 1575) mencionam em seu prefácio que Timor (Ti-Wu) dependia de Java (PTAK, 1983, pp. 38-39).

A este respeito, Durand concorda com Farram em dizer que o controle político de Mahapajit tem sido frequentemente exagerado e que a sua área de influência não teria chegado a Timor; sua presença na ilha seria limitada a intercâmbios comerciais esporádicos com reinos locais. De qualquer forma, como assinala Thomaz, a influência de uma presença hipotética do império de Mahapajit em Timor é irrelevante (THOMAZ, 1976, p.18), e é particularmente irrelevante quando comparada à influência que teve em outras áreas de a atual Indonésia como Bali (GEERTZ, 2000, pp. 30-31) . Apesar da implausibilidade desta ideia, a ligação de Timor com Mahapajit foi usada para fins de propaganda por parte da Indonésia de Suharto para legitimar a ocupação de Timor-Leste em 1975 (FARRAM, 2004, p.2, nota 3).

### **Navegações Muçulmanas**

Outro dos contatos pré-coloniais que é geralmente mencionado é o dos marinheiros muçulmanos, porque, como os chineses, eles também se dedicavam ao comércio de sândalo com os reinos locais. No entanto, Durand menciona que a maioria das expedições muçulmanas estava a serviço do comércio chinês e que a presença de marinheiros árabes na ilha é duvidosa. Este autor sugere que as fontes dos marinheiros árabes Ahmad ibn Majid (1462) e Sulaiman al-Mahri (de 1511) utilizavam a palavra timor com o significado de 'orientes', que é o significado que esta palavra recebe em muitas línguas de origem austronésia (Cinatti, 1950), e que com isso eles se refeririam a um conjunto de ilhas vagamente identificadas que

estariam situadas a leste de Java (DURAND, 2010, página 39) . Em qualquer caso, é importante destacar a relevância das navegações muçulmanas no Sudeste Asiático, já que durante a Idade Média elas representavam a ligação entre as cidades comerciais do Mediterrâneo e da Ásia, de tal forma que se pode dizer que o Oceano Índico tornou-se um "lago muçulmano" (DURAND, 2010) durante a época, com Malaca como porta de entrada para as ilhas da Indonésia, rica em especiarias.

Já depois das primeiras referências ocidentais a Timor e com a presença de Portugal e da Companhia Holandesa das Índias Orientais (Vereenigde Oost-Indische Compagnie , VOC), há mais referências à presença de muçulmanos na ilha. Artur Basilio de Sá (MCWILLIAM, 2007, p.233; SÁ, 1956, p.489), por exemplo, alude às fontes portuguesas nos arquivos das missões dominicanas entre 1568 e 1579, nas quais se diz que os marinheiros muçulmanos, durante alguns anos, obtiveram sândalo, cera, mel, escravos e alguma prata em Timor; bens que, ao que parece, foram trocados por machados, facões, facas, espadas, tecidos, porcelana, miçangas coloridas, estanho e mercúrio (FOX, 2003). De um modo geral, parece que quando os portugueses e os holandeses começaram a desenvolver um comércio ativo com a ilha de Timor, já tinham sido estabelecidas várias redes comerciais regionais com os muçulmanos, especialmente os do Sultanato de Makassar (Ilhas Celebes). O conhecimento dessas redes comerciais era, como veremos mais adiante, o que fez com que os poderes coloniais comesçassem a se concentrar na "ilha do sândalo".

### **Conclusão**

Embora o estudo histórico pré-colonial não nos permita estabelecer mecanicamente causalidades com os fenômenos presentes, a compreensão deles nos ajuda a evitar muitos erros. A antropologia, como qualquer outra ciência social, não trabalha sobre uma página em branco, e o conhecimento das origens das populações que estuda, bem como dos fenômenos sociais que observa, é outro elemento a ser levado em conta para sua análise.

Tentei, através deste pequeno texto, mostrar como a pequena ilha de Timor tem mantido contatos constantes muito antes da chegada dos europeus, o que nos permite - se parcialmente - estabelecer continuidades e descontinuidades culturais e sociais na evolução histórica de Timor-Leste.

### **Referências bibliográficas**

Alberto Fidalgo de Castro é em Linguagem, Ciência e Antropologia pela Universidade da Coruña com a tese 'Dinámicas políticas y económicas en el dominio ritual y la vida cotidiana en Timor Oriental. Estudios de caso desde la aldea de Faulara'. Atualmente, desenvolve pesquisa na UNB.

ALMEIDA, A. DE. Contribuição para o Estudo do Neolítico de Timor Português. Memórias da Junta de Investigação do Ultramar , v. 16, n. 1, p. 125-152, 1960.

ALMEIDA, A. DE. Presenças Culturais no Timor Português. Estudos de Ciências Políticas e Sociais , v. 51, p. 23-40, 1961.

BELLWOOD, P. Pré-história do Arquipélago Indo-Malaio . Canberra: ANU E Press, 2007.

BOXER, CR Timor Português: Uma História da Ilha Bruta: 1515-1960. História Hoje , v. 10, n. 5, p. 349-355, maio de 1960.

CINATTI, RVMG Esboço Histórico do Sândalo no Timor Português . Disponível em: <[www.gov.east-timor.org\\_MAFF\\_ta000 / gov.east-timor.org/MAFF / ta000 / TA001.pdf](http://www.gov.east-timor.org_MAFF_ta000 / gov.east-timor.org/MAFF / ta000 / TA001.pdf)>. Acesso em: 6 jan. 2012

CINATTI, RVMG Como pinturas rupestres de Timor. Colóquio Revista de Artes e Letras , v. 23, p. 49-59, 1963.

DURAND, F. História de Timor-Leste. Da Pré-História à Actualidade. História Timor-Leste nian. Husi Pre-Istória to'o Actualidade . Lisboa: LIDEL, 2010.

FARRAM, SG De "Timor Koepang" a "Timor NTT": Uma História Política de Timor Ocidental, 1901-1967 . [sl] Universidade Charles Darwin, Faculdade de Direito, Negócios e Artes, 2004.

FOX, JJ Traçando o caminho, recontando o passado: perspectivas históricas sobre Timor. Em: FOX, JJ; SOARES, DB (Eds.) . Fora das cinzas. Destruição e Reconstrução de Timor Leste . 2003. ed. Canberra: ANU E Press, 2003. p. 1-27.

GEERTZ, C. Negara. O Estado-teatro no século XIX Bali . Barcelona: Paidós Básica, 2000.

GLOVER, IC Pesquisa Pré-Histórica em Timor. Em: MULVANEY, DJ; GOLSON, J. (Eds.). . Homem Aborígene e Meio Ambiente na Austrália . Canberra: Australian National University Press, 1971. p. 158-181.

HAWKINS, S. et al. A mais antiga ocupação humana de Wallacea na Gruta de Laili, em Timor-Leste, mostra espetáculos de amplo espectro em resposta a ambientes do Pleistoceno tardio. Quaternary Science Reviews , v. 171, p. 58-72, set. 2017

LUCAS, MP et al. Breves notas sobre a contribuição da missão antropológica do centro antropobiológico e seus predecessores à arqueologia de Timor. Leba , v. 7, p. 269-276, 1992.

MCWILLIAM, A. Procurando por Adê. Uma contribuição para a historiografia timorense. Bijdragen tot de Taal-, Land-in Volkenkunde , v. 163, n. 2/3, p. 221-238, 2007.

MENDES CORRÊA, AA; ALMEIDA, A. DE; FRANÇA, C. Sobre alguns exemplos comuns Paleolítica de Timor Português. Memórias da Junta de Investigações do Ultrama , v. 50, p. 15-33, 1964.

O'CONNOR, S. Novas evidências de Timor Leste contribuem para nossa compreensão da colonização moderna mais antiga a leste da Plataforma de Sunda. *Antiguidade* , v. 81, p. 523-535, 2007.

O'CONNOR, S. et al. Ideologia, Performance Ritual e as Suas Manifestações na Arte Rupestre de Timor-Leste e na Ilha Kisar, Ilha do Sudeste Asiático. *Cambridge Archaeological Journal* , v. 28, n. 02, p. 225-241, 4 de maio de 2018.

O'CONNOR, S.; ONO, R; CLARKSON, C. Pesca pelágica a 42.000 anos antes do presente e as habilidades marítimas dos humanos modernos. *Science (Nova York, NY)* , v. 334, n. 6059, p. 1117-21, 25 de novembro 2011

OLIVEIRA, NV; CONNOR, SO; BELLWOOD, P. Dong Son tambores de Timor-Leste: artefactos de bronze pré-históricos na Ilha do Sudeste Asiático. *Antiguidade* , v. 93, n. 367, p. 163-180, 2019.

PTAK, R. Algumas referências a Timor em antigos registros chineses. *Estudos Ming* , v. 17, p. 37-48, 1983.

PTAK, R. A Transportation of Sandalwood from Timor to China. Em: PTAK, R. (Ed.). . *Ásia Portuguesa: Aspecto da História e História Econômica, Séculos XVI e XVII*. Estugarda: Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, 1987. p. 89-109.

ROQUE DE OLIVEIRA, FM Uma construção de concessão europeia para a China, c. 1500 - c. 1630. Impressos e manuscritos que revelarão ou serão um mundo para a Europa culta . [sl] Universitat Autònoma de Barcelona. Departamento de Geografia, 2003.

ROQUE, R. Ethnografias coloniais, tecnologias miméticas: uma administração colonial e usos e costumes em Timor-Leste no final do século XIX. Em: DA SILVA, KC; SOUSA, LMG DE (Eds.). . *Ita Maun Alin ... O Livro do Irmão Mais Novo. Afinidades antropológicas na Toro de Timor-Leste* . Lisboa: Edições Colibri. *O IELTSar vai embora*; 35, 2011. p. 155-168.

ROQUE, R .; WAGNER, KA Introdução: engajamento do conhecimento colonial. Em: ROQUE, R .; WAGNER, KA (Eds.) . *Envolvendo o conhecimento colonial: lendo arquivos europeus na história do mundo* . Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012. p. 1-32.

SA, AB DE. Documentação para uma História das Missões do Padroado Português do Oriente. *Insulíndia 4 ou Vol. (1568-1579)* . Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1956.

SCHAPPER, A. Encontrar Bunaq: A pátria e expansão do Bunaq no centro de Timor. Em: TRAUBE, EG; MCWILLIAM, A. (Eds.) . *Terra e Vida em Timor-Leste: Ensaios Etnográficos* . Canberra: ANU E Press, 2011. p. 163-186.